

O HOMEM MODERNO NO PENSAMENTO DE VITORINO NEMÉSIO

Manuel Gama
Departamento de Filosofia
Instituto de Letras e Ciências Humanas
Universidade do Minho

«O ensino não é mera informação do saber mas norma de humanidade, testemunho do autêntico. Uma sociedade que só instituísse informações teóricas aplicáveis ao êxito rentável teria a civilização moribunda. É o grande risco da nossa»¹.

1. - Logo no início de *Era do Átomo, Crise do Homem*, Vitorino Nemésio começa por dar-nos o objecto das suas reflexões: «[...] tema crucial do nosso tempo: as dúvidas que se levantam - em certos espíritos, pelo menos - acerca do caminho por onde a civilização conduz o homem moderno»². Tema, aliás, que tem estado no centro das preocupações de vários intelectuais da cultura filosófica, científica, literária, desde O. Spengler, Ortega y Gasset, A. Toynbee até A. Gehlen, I. Calvino, J. Kristeva, N. Luhmann, Eduardo Lourenço.

O conjunto das vinte e três reflexões que compõem esta obra foram escritas em plena guerra fria entre o bloco de Leste e o Ocidente, e nelas o autor simboliza no problema do átomo todo um conjunto de características com que pretende identificar a presente etapa da humanidade. Deliberadamente não lhe chama Idade - dentro do problema das Idades na História -, mas sim Era, pois com este conceito, menos forte, pretende dar a entender que a humanidade se encontra em passagem, em momento de encruzilhada, em advento de uma nova Idade. Sinal disso é a "crise do homem", que não significa desesperança ou momento de chegada, mas um caos passageiro a caminho de

¹ Vitorino Nemésio, «Última Lição», in *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Bertrand, Amadora, 1974, p. 21.

² *Idem*, *Era do Átomo, Crise do Homem*, Bertrand, Amadora, 1976, p. 9.

* EA - é a sigla que, seguidamente, utilizaremos para indicarmos a obra aqui referenciada.

um cosmos novo³. É apenas crise de crescimento, que é enfocada no problema atómico, dada a «fragilidade desse potencial terrível, considerado como uma complexidade mecânica que se resolve afinal numa fina teia de comandos [...]»⁴.

É naquela teia que Vitorino Nemésio vê «o lado mais alarmante da crise contemporânea: a despersonalização massificada - e portanto atomística - do tipo de homem que a vive ou nela é gerado»⁵. Ideia muito semelhante àquela que encontramos em Ortega y Gasset - o «saudoso mestre e amigo», na sua própria expressão -, na *Rebelião das Massas*, em que ao grande fracasso da modernidade subjaz a conversão dos homens em objectos.

Esta obra de Vitorino Nemésio (1901-1978), escrita em 1976, surge já no dealbar da vida do autor, quando a sabedoria se sobrepõe ao saber, embora este continue a jorrar em catadupa ao longo das suas reflexões⁶. É obra da maturidade, quando o homem, perante o mistério da vida e das coisas, na busca das sínteses, se orienta mais pelo caminho das visões globais, dos mitos⁷.

No sentido de uma hermenêutica do pensamento do autor, vejamos de seguida as linhas fundamentais, caracterizadoras da era do átomo.

2. Fim de século, fim de milénio ou, ainda, o homem entre milénios, são possíveis títulos que Vitorino Nemésio poderia apor, hoje, às suas reflexões. O termo de uma Época e o começo de outra é sempre motivo para cogitações várias, elaboração de análises, feitura de balanços sobre o passado e o devir da humanidade, interpretações da acção do homem como povo. Religiões e seitas, homens do mundo científico e do campo filosófico, teologias milenaristas ou teorias enroupadas de ciência aproveitam os

³ «"Crise" é pois [...] quer o começo, quer o termo de um processo vital diferenciado: a tensão na passagem de algo a algo, o momento de risco e, logo, o de conversão de um estado a outro» - *EA*, p. 16. Crise, refere ainda, não é «bancarrota», mas «uma surpresa, uma viragem problemática» - *Ib.*, p. 33.

⁴ *Ib.*, p. 14.

⁵ *Ib.*, pp. 9-10.

⁶ É grande a sua cultura científica e filosófica e é sobretudo impressionante a quantidade de nomes e teorias, quer do domínio científico (sobretudo Físico-Química), quer filosófico, que Vitorino Nemésio vai desfiando ao longo desta obra.

⁷ É, no fundo, a expressão e o reconhecimento do verso de Fernando Pessoa, na *Mensagem*, «O mito é o nada que é tudo».

marcos históricos que o homem colocou para lançarem juízos, desfiarem conjecturas, fazerem prospectiva ou, mesmo, para relevarem fatalismos⁸.

As previsões da ciência serão sábias, mas certamente insuficientes. Se a ciência afirma que o nosso planeta se dispersará no futuro e que o próprio Sol se extinguirá um dia, até que ponto isso se poderá transformar num axioma? Se a ciência só afirma aquilo que vê, quem lhe poderá garantir que as observações telescópicas lhe indicam o curso *certo* do prosseguimento dos astros? Que capacidade terá a mente humana para penetrar nos desígnios divinos, mesmo apoiando-se nos dados da revelação? Quem usará certezas na interpretação dos selos do *Apocalipse* do Evangelista S. João?

Se é certo que, explicitamente, não é neste sentido que se orienta o pensamento de Vitorino Nemésio, não será despropositado estendermos o arco hermenêutico a esse ponto.

Hoje o homem sabe como nunca. Saber em tal quantidade que conduziu à necessidade de, nos últimos dois séculos, circunscrever esses saberes em ramos ou ciências. O centro aglutinador, a força centrípeta que no passado fora dada pela Teologia, transmudou-se modernamente no termo Ciência. Esta, no dizer de Vitorino Nemésio, tornou-se o «denominador e expoente da civilização. Assim como a Teologia reinou na Idade Média e a exprimiu, sucedendo-lhe a Razão filosófica, laicizadora da Fé, a Ciência foi tomando o passo a ambas essas instâncias, do século XVII ao XIX, até dominar francamente o horizonte ao cabo do primeiro quartel do nosso século⁹. No lugar da Trindade apresentada pela Teologia, colocou o homem moderno uma nova trindade figurada na tríade Ciência, Tecnologia e Razão. O Pai - ser eterno, imperecível -, foi substituído pela Ciência. A função do Filho - o que realiza, o que salva - é agora desempenhada pela Técnica. No lugar do Espírito Santo - o que ilumina, o que inspira -, foi colocada a Razão. Corolários da nova trindade aí os temos, em todo o seu

⁸ A este propósito, tentando fazer alguma profilaxia aos medos do fim do milénio, diz-nos sensatamente Georges Duby: «Para que serve escrever a História se não para ajudar os contemporâneos a manter a confiança no futuro e a armar-se melhor para enfrentar as dificuldades que quotidianamente se deparam?» - *Ano 1000 Ano 2000. No Rasto dos Nossos Medos*, Teorema, Lisboa, 1997, p. 9. Embora este autor não deixe de reconhecer que «o homem da Idade Média possui a certeza de não desaparecer completamente enquanto espera a ressurreição. A perda contemporânea do sentimento religioso fez da morte uma provação terrível, uma alavanca para as trevas e para o incognoscível» - *Ib.*, pp. 122-123.

⁹ *EA*, p. 39.

esplendor: o poder e o dinheiro - os substitutos técnicos de Deus¹⁰. Ou seja, após a proclamação de Nietzsche de que "Deus morreu", então tudo passa a ser permitido.

Eis a Ciência na demanda da célebre utopia de Kepler: prever o comportamento e destino de todas as forças físicas, uma vez bem determinadas as posições dos objectos e pontos de aplicação. Uma condição para tal desiderato: que o observador estivesse colocado num ponto ideal do Universo e que, simultaneamente, fosse senhor de todos os dados de tempo e espaço das partes que o constituem. Mas, adverte Vitorino Nemésio, «a grande surpresa e decepção trazida pela Micro e Astrofísica é que não há tal observador em estado e condição de tomar nota dos tais dados. Não há ponto de apoio para levantar o Mundo»¹¹.

Anota ainda Vitorino Nemésio que o grande objectivo da Ciência de tudo querer prever, não só está muito aquém de um desfecho positivo como será mais uma quimera do homem moderno, porventura próxima da pedra filosofal. Perante as leis mecânicas, causais ou deterministas, levantam-se as leis estatísticas, pelas quais o homem confessa que só se conhece incompletamente o sistema físico em questão¹². É que o mundo da medida depende do observador que mede, logo, tal como a Física nos ensina, há não só a relatividade restrita e a geral, mas a relatividade de tudo. Assim, conclui Vitorino Nemésio, o homem da Era da Técnica, inebriado pelo esplendor da Ciência, arrisca-se porventura a ser um «triste aprendiz de feiticeiro»¹³.

É neste passo do seu raciocínio sobre o diagnóstico da sociedade hodierna que Vitorino Nemésio coloca, quanto a nós, a tónica no nó vital da problemática presente: a Ciência que expulsou o demiurgo e a Técnica que se colocou no seu lugar, chegando mesmo ao ponto de "escravizar" a própria Ciência. Deliberadamente, transcrevemos de seguida um texto algo longo, mas fazêmo-lo quer pela sua riqueza na abertura de horizontes, quer pelo significado no percurso do ideário do nosso autor:

¹⁰ Cf. F. Carvalho Rodrigues e Luís Ramos, *Ontem, Um Anjo Disse-me. Diálogos para o Século XXI*, Europa-América, Mem Martins, 1995, p. 13. De certo modo com orientação dentro desta temática, é de útil leitura a recente obra de Claude Allègre, *Deus face à Ciência*, Universidade de Aveiro/Gradiva, 1998.

¹¹ *EA*, p. 42.

¹² Cf. *Ib.*, p. 43.

¹³ *Ib.*, p. 49.

«Mas se a Ciência se quis como detentora das chaves de um Universo não demiúrgico - sistema de relações de elementos inanimados numa coesão regida por leis naturais imanentes -, a Técnica, embora positivista como ela, teve que tomar o lugar vago do demiurgo, tornar-se feiticeiro, operar, *urgir*. Porque Técnica, afinal, é *urgência*, no duplo sentido de intervenção, e pressa. Cirurgia, Metalurgia, Siderurgia - tudo *urge*, tudo é *urgente*. Nós é que não reparamos que os elementos das palavras significam sempre basilarmente o mesmo onde quer que se encontrem. [...]

Para que pudesse ocupar o lugar do demiurgo, a Técnica, não dispondo de ritos e práticas misteriosas, teve de objectivar e conservar o seu especial saber, que é um "saber do fazer", ou "saber fazer"»¹⁴.

A Ciência, actualmente, já não é geradora espontânea da Técnica. Esta impõe-se àquela, tentando escravizá-la. A Ciência entra em ocaso, assistindo ao afrouxar do seu império¹⁵. A investigação científica vê, assim, o seu campo de acção delimitado pelo critério da aplicabilidade¹⁶. Por sua vez, tal capacidade - numa sociedade onde tudo se vende e tudo se compra¹⁷ - é marcada pelo mecanicamente, automaticamente e imediatamente, pois o critério da aplicabilidade tem no mercado o seu ajuizador supremo, cujo caminho a percorrer é demarcado pela dupla visibilidade-rentabilidade.

3. - Que caracteriza, então, a sociedade tecnocrática, a Era do Átomo? A visão de Vitorino Nemésio é marcada por algum desalento, por um certo mal-estar, quando, como ele próprio reconhece, sendo o objectivo da sociedade tecnicista precisamente a

¹⁴ *Ib.*, p. 54.

¹⁵ Cf. *Ib.*, p. 57.

¹⁶ Até o fundamento da nova ética é transmutado, como afirma Vitorino Nemésio: «O laboratório da empresa é o cadinho da nova ética. O sábio, mudando espantosamente de meios de pesquisa, vê encurtada a sua iniciativa especulativamente livre em benefício do êxito prático e da condução racionalizada da produção tecnicista» - *EA*, p. 145.

¹⁷ Veja-se, a propósito, o diagnóstico feito por A. Soljenitsyne em 1978, em plena guerra fria, perante os alunos da Universidade de Harvard: «Não, eu não posso recomendar a vossa sociedade como ideal para a transformação da nossa»
«Pusemos demasiadas esperanças nas transformações político-sociais e notamos que nos tiraram o que tínhamos de mais precioso: a nossa vida interior. A Leste, é a feira do Partido que a calca aos pés, a Oeste, a feira do Comércio: e o que mais apavora nem é o facto do mundo estilhaçado, é o facto dos principais pedaços estarem atingidos por uma

busca do bem-estar, parece existir alguma desfocagem entre a intencionalidade inicial e a meta alcançada: «É estranho que se fale de crise do homem precisamente quando a humanidade atinge o mais alto nível técnico historicamente conhecido. "Técnico", isto é: favorável à ampla satisfação das necessidades da vida, à cómoda instalação do homem no seu meio»¹⁸.

Para individualizar esta etapa da humanidade, Vitorino Nemésio aplica termos e expressões como «desumanização», «despotismo do maquinado», «inquietação», «domínio», «pessimismo», «massificação», «diminuição da cordialidade», «desalmado», «anonimato crescente», «corrida em compita ao êxito», «retracção e encurtamento da vida afectiva», «era de violência e neurose colectiva» Como vemos nestas expressões - que se encontram espalhadas por várias páginas no seu ensaio¹⁹ - há todo um conjunto de atributos que nos ajudam a perceber o quadro mental que Vitorino Nemésio formou da sociedade actual e que, para ele, consubstanciam a crise do homem. Dentre os factores mais determinantes de tal situação, inspirando-se directamente na *La Rebelión de las Masas*(1930) e em *Ensimismamiento y Alteración*(1939), de Ortega y Gasset, coloca a tónica na redução do homem a mera «massa»²⁰, situação configurada nos grandes aglomerados populacionais: «Um dos maiores factores da crise do homem actual é, como se sabe, o abandono dos campos em troca das cidades. A desruralização crescente é consequência forçosa de uma civilização industrial. E este fluxo de gente urbanamente atraída implica uma mudança radical nos padrões de cultura»²¹.

A própria instrução acaba por ser o meio pelo qual a educação é orientada no sentido da mentalidade vigente: «Enchendo os viveiros escolares fortemente tecnicizados depara-se-nos - pelo menos nos grandes meios - uma sociedade pressurosa e mecânica na rede geral das relações, que a multiplicidade de fins e a desproporção angustiada entre o projectar e o ter tornaram praticamente desatenta a esse fluxo

doença análoga» - Alexandre Soljenitsyne, *O declínio da coragem (Discursos de Harvard, Junho 1978)*, Rolim, Lisboa, 1978, p. 49.

¹⁸ *EA*, p. 63.

¹⁹ Cf. *Ib.*, principalmente as páginas 117 a 136.

²⁰ Refere Vitorino Nemésio que o homem «agora, reduzido a "massa" (estado inestrutural da sociedade que meu mestre e amigo Ortega y Gasset universalmente denunciou), embota-se-lhe, ao homem, o sentido do comum e a capacidade do socorro. O dom de dar e tomar dos outros a alegria e o gosto de viver encurtou-se-lhe, tolheu-o» - *Ib.*, p. 120.

²¹ *Ib.*, p. 129.

profundo e livre de ideias, crenças, fins generosos, que é o único fundamento de uma cultura autêntica»²². A consequência prática é a de que o homem, detentor de uma vasta gama de conhecimentos instrumentais criados por poucos, acaba por perder a originalidade e a liberdade inventiva. Portador destes inventos, o indivíduo entra numa concorrência mercantil, numa moral do conforto e do ócio, no critério utilitário, na corrida ao êxito e ao lucro - «condicionamentos irreversíveis de guerra»²³.

O que caracteriza o acto técnico é a imediatez. A espontaneidade parece ser um conceito banido pelo agente técnico, pois ele «faz e provoca: não aguarda o espontâneo. A vontade de domínio é o seu lema»²⁴. É assim que as ciências ditas exactas, e o seu espírito cientificista, nos têm indicado o caminho: olharmos só para aquilo que é previsível e que não tenha uma evolução muito rápida, e a tomarmos a vida e a espontaneidade como uma excepção. No entanto, a vida é que é a regra e não a excepção. Nascer, multiplicar, padecer, alegrar, perdoar, amar, degradar-se e depois desaparecer e transformar-se é a regra e não a excepção²⁵.

É lapidar esta afirmação de Vitorino Nemésio: «Quando o homem parece ter tudo à sua disposição, declara-se infeliz»²⁶. Constatação que não está longe da vereda indicada por Bertrand Russell na busca da felicidade: «[...] não ter alguma das coisas que precisamos é parte indispensável da felicidade»²⁷. Ora, o que acontece hoje é que as pessoas, nomeadamente as crianças e os jovens, são educadas no sentido de que podem e devem usufruir da sociedade da abundância e é-lhes afastada a ideia de adversidade, do problema, pois a Técnica promete uma sociedade anestesiada, sem sofrimento. O que, sabêmo-lo, é mera ilusão. A adversidade e o problema existem. Não vale a pena o disfarce. As coisas são o que são. O que é preciso é criar estratégias de esperança, pois a felicidade é determinada pela capacidade de não se deixar vencer pela adversidade. A esperança é um verdadeiro profiláctico da depressão.

²² *Ib.*, pp. 130-131.

²³ *Ib.*, p. 139.

²⁴ *Ib.*, p. 65.

²⁵ Cf. F. Carvalho Rodrigues, *Op. cit.*, p. 56.

²⁶ *EA*, p. 63.

²⁷ Bertrand Russell, *A Conquista da Felicidade*, 5ª ed., Guimarães Editora, Lisboa, 1978, p. 26.

4. - Embora o quadro traçado seja sombrio, nem por isso o nosso autor deixa de ter consciência que a sociedade actual nem apareceu de repente, nem pode ser mudada de um momento para o outro. O destino e a mentalidade - temas fundamentais da Antropologia - são coisas muito sérias: «O homem é senhor do seu destino, mas dentro das calhas dele. A mentalidade científico-positiva, o tecnicismo moderno, o espírito fáustico, a crença no progresso indefinido, a euforia saída da revolução industrial, [...] enfim, qualquer dos infinitos nomes que se dão e podem dar à mentalidade do nosso tempo corresponde a uma realidade civilizadora e cultural de séculos, [...] e que o homem não pode arrepiar por uma súbita opção do tipo do voto de Einstein [que aguardava um repentino "momento decisivo"]»²⁸.

Adverte Vitorino Nemésio que as suas considerações em vista de um diagnóstico, não são necessariamente contra o sentido, porventura já inevitavelmente mecanicista, de uma civilização inteira. Têm tão só em vista formular «o problema da reestruturação dos saberes, da revalidação dos modos e padrões de cultura tradicional, não só indiferente ou neutral ante a direcção mecânico-progressista da história, como causa dela talvez»²⁹.

A Técnica, aqui ligada à Ciência, é a forma moderna da mítica pedra filosofal, onde, finalmente, realidade e sonho, mito e realidade, realidade e prazer (no sentido freudiano) se fundiriam para dar lugar, aqui e agora, à morada da bem-aventurança.

O homem moderno foi-se esquecendo que as verdades «de toda a ciência, são mais verdades para o homem do que conversões noéticas do absoluto das coisas»³⁰. Não devemos esquecer que a Terra, antes de Copérnico, estava imóvel, a Física há cem anos assegurava que todo o universo estava mergulhado numa substância invisível e indetectável chamada éter e hoje os cientistas afirmam que o universo está cheio de "buracos negros". Apesar disso, continuamos a engendrar deuses. Tudo esperamos da

²⁸ EA, p. 139.

²⁹ *Ib.*, p. 132. Neste contexto é feita referência à América do Norte que, apesar de ser apresentada como o exemplo da vida material eficiente e fácil, não é vista por Vitorino Nemésio como um paradigma exemplar para seguir. No sentido da proposta de Vitorino Nemésio, pela via do diálogo interdisciplinar já se vão encetando experiências desse tipo como é o caso, entre nós, traduzido no diálogo entre Ciência e pensamento filosófico-teológico, de que é fruto a extensa obra de Sebastião J. Formosinho e J. Oliveira Branco, *O Brotar da Criação. Um Olhar Dinâmico pela Ciência, a Filosofia e a Teologia*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 1977.

³⁰ EA, p. 71.

Técnica, que nos embalou num novo sonho prometeico, e donde esperamos ver sair um novo seio paradisíaco, homeostático, beatífico.

É verdade, está convicto Vitorino Nemésio, que o homem está em crise, mas não pode perder a esperança. Afinal, «o homem - entende o nosso autor - está sempre em crise. Melhor: a crise é o próprio homem. [...] Como homem, e sempre mesmo, o homem está em crise permanente, em pura instabilidade³¹. Assim, tendo em conta que as coisas são o que são, a esperança é, a consciência dos homens é que deve alargar os horizontes e demandar outros caminhos: «Não é pois a ciência o cimento de união dos povos e do mundo, como certo panglossismo progressista fez crer. Aliás a ciência não pode apreender o seu derradeiro alcance, o seu significado supremo. É a filosofia que a pensa e esclarece; só a razão especulativa pode fazer alguma luz no túnel em que a ciência opera»³². A filosofia aparece-lhe - tal como a muitos outros intelectuais fora do domínio da filosofia em sentido estrito - como algo fundante.

³¹ *Ib.*, pp. 19-20.

³² *Ib.*, p. 138.